

ANA SÉRIO

PAISAGEM SEM POVOAMENTO #3

PAÇOS
galeria municipal
TORRES VEDRAS

Então reproduz de cór a paisagem [...], mistura verão e inverno, atenua a cegueira [...].

Carlos de Oliveira,
Finisterra. Paisagem e Povoamento

PAISAGEM (SEM POVOAMENTO) #3

1. Ao analisar este extenso conjunto de trabalhos de Ana Sérió, somos de imediato induzidos a pensá-los segundo o conceito de pintura de paisagem. Realizados com diferentes técnicas – óleo, aguarela, ecoline, monotipia – e sobre outros tantos tipos diferentes de suportes (papel, linho, MDF, e mesmo um livro de artista, encadernado em tiragem única para esta exposição) e dimensões, todos eles se inserem num estilo bem preciso que valoriza o gesto, a mancha, a evocação de uma atmosfera na linhagem de tantos e tantos praticantes que se debruçaram sobre este género pictórico desde o Romantismo até aos nossos dias.

Edmund Burke, recordemo-lo, foi o primeiro, em meados do século XVIII, a estabelecer uma relação imediata, especular, entre a paisagem e os estados mais extremos da psique humana. Ao debruçar-se sobre as condições de observação da natureza, explicou-nos que por vezes podemos aí encontrar o belo, essa qualidade que para ele era fruto de uma convenção social, que podia ou não mudar através dos séculos; e que ainda mais raramente poderíamos, nessa contemplação, sentir o sublime, ou seja, estabelecer uma relação entre a magnificência – e o medo, ou o terror – daquilo que contemplamos, sejam altas montanhas ou mares em fúria, e os nossos próprios sentimentos. O sublime, para o romântico que Burke já era, não podia assim considerar-se como o atributo de qualquer coisa, significado que acabou por receber talvez um pouco levianamente nos tempos actuais, mas uma sensação que apenas tem lugar no mais íntimo de si, e que acabará por definir, por transparência, a riqueza e a variedade dos estados da alma de cada um.

Sem esta introdução, não conseguimos perceber como a pintura, e o gesto de quem pinta tornado aparente através da mancha e da cor, pode também ela reflectir a individualidade única do artista. A capacidade de traduzir o visível, e sobretudo o espaço da natureza (lembramos aqui que esse mesmo espaço natural estava já, no tempo de Burke, inelutavelmente ameaçado pela Revolução Industrial em curso), através do estabelecimento de uma relação única e íntima com os resquícios do gesto da mão que pinta, decorrem desta valorização do eu do artista que atinge aqui o seu ponto zenital, mesmo se depois do Romantismo todos os expressionismos que atravessaram, de um modo ou de outro o século XX, e os primeiros anos do XXI, se apropriaram desta qualidade da pintura: a de reflectir na sua própria materialidade a subjectividade do eu criador do artista. Tanto como o tema escolhido, pelo menos, o próprio gesto que o concretiza é também, e antes de mais, sinal da presença única e nunca substituível do artista que cria.

2. Recordemos agora como Ana Sérió, há um pouco menos de uma década, realizava, a par da pintura concebida como pulsação, extensão do sopro vital que se realiza compulsivamente, uns dispositivos em madeira dotados de espelhos que funcionavam como máquinas de dar a ver o mundo. Através da colocação engenhosa do espectador em determinado ponto de (literalmente) vista, este conseguia vislumbrar não apenas a sua própria imagem, mas também o espaço que o rodeava, e que era sempre, naquele caso preciso, uma declinação do *white cube* imaculado e ideal que o museu ou a galeria sempre representam. Contudo, Ana Sérió sabe que a função especular da imagem construída é hoje, e cada vez mais, a citação de uma citação de uma outra antiquíssima citação dessas longínquas descobertas do poder mimético das imagens. Dito de outra forma, Ana Sérió sabe, porque é essa a sabedoria

do tempo em que vive, que a representação é ela própria a realidade em que vivemos: a distância entre o objecto e a sua imagem anula-se cada vez mais, até se reduzir ao fio ténue da linha desenhada. A imagem, por isso, é cada vez mais a realidade que nos rodeia.

Carlos de Oliveira, no romance *Finisterra*, que Ana Sérgio gosta de citar e que inspirou boa parte das obras que encontramos nesta exposição, tem também na sua escrita esta imbricação entre a própria escrita, os elementos do romance – paisagem, atmosfera, flora, água, personagens – e um desenho falado que com frequência se funde com elas. Nesta passagem, por exemplo:

Um sopro de calor agita os cabelos da mãe, acende-os numa labareda e a cabeça cor de cinza fulge. Depois apaga-se, e é pena. O fumo dourado imita a auréola das imagens, talvez mais hesitante. Falta-lhe um sinal de sossego (a quietação da purpurina, por exemplo). E, se a imobilidade impressiona à primeira vista, logo a seguir torna-se transparente. Afinal de contas, a linha que desenha a cabeça, o pescoço, os ombros, parece o gráfico de uma exalação: a luz pode incendiá-la, se quiser (mas não quer, pelos vistos).ⁱ

3. De certo modo, as personagens de *Finisterra* estão em transição, entre a extinção ou a sobrevivência da família. Mas esta condição é inseparável da acumulação de objectos ou elementos da paisagem, de mapas, desenhos ou gravuras – e até de uma pirogravura -, sem que seja possível distinguir o que é nomeado daquilo que o nomeia. As gravuras são “magia para filtrar o mundo, dar-lhe algum sentido”. O lápis é feito de “cristais microscópicos” que “dão à superfície negra o fulgor de certos minérios”. A descrição de um desenho confunde-se com a descrição da paisagem exterior:

A seguir, um pouco por toda a parte, gramíneas emaranhando-se ao acaso. Tufos (muito azul-algum verde) sem o abrigo das plantas reais que se abrigam na margem da lagoa onde a água tem mais profundidade; patas de aranha, inúmeras, peludas: riscos à pressa contra os grânulos do papel; e o felpo, o resíduo doutros riscos menores.ⁱⁱ

Ora, os títulos das diferentes séries que Ana Sérgio aqui apresenta reenviam-nos para este processo de imbricação entre o real e a sua imagem representada. Mapa, Paisagem (estudo), Simulação caligráfica, Paisagem (sem povoamento) III e Invocação partilham, na sua diferença, uma incompletude que se aproxima dos efeitos de mise en abîme da prosa poética de Carlos de Oliveira. Aqui, na obra de Ana Sérgio, o mapa é um desenho do território; a paisagem, um estudo ou um espaço despovoado; a invocação, um apelo sem predicado nem complemento; a caligrafia, por fim, uma simulação rendida ao essencial, um signo sem significado, um gesto reduzido à sua pureza essencial.

Luísa Soares de Oliveira

ⁱ Carlos de Oliveira, *Finisterra*. Paisagem e povoamento. Lisboa, Assírio & Alvim, 2003 (1978), p. 43.

ⁱⁱ Idem, *ibidem*, p. 20.



Mapa #7

Monotipo s/papel
20 x 35 cm | 2018



Mapa #1

Monotipo s/papel
20 x 35 cm | 2018



Manhã Inquieta

Óleo s/tela de linho
33 x 41 cm | 2018



Paisagem Depurada

Óleo s/tela de linho
140 x 155 cm | 2018



Mapa #4

Monotipo s/papel
24 x 41 cm | 2017



Simulação Caligráfica #8

Ecoline s/papel
21 x 30 cm | 2018



Simulação Caligráfica #5

Ecoline s/papel
21 x 30 cm | 2018



Invocação #3

Óleo s/MDF
19 x 22 cm | 2018



Quase Tempestade #1

Óleo s/tela de linho
50 x 73 cm | 2018



Sombras da Paisagem

Óleo s/tela de linho
97 x 130 cm | 2018



Quase Tempestade #2

Óleo s/tela de linho
50 x 73 cm | 2018



Reflexo (turvo) da Luz #1

Óleo s/tela de linho
130 x 160 cm | 2018



ANA SÉRIO

Nasceu em Oeiras em 1976. Licenciatura em Artes Plásticas/Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Mestrado em Pintura em 2002 pela Norwich School of Art & Design, Inglaterra. Bolsas pela Fundação Cidade de Lisboa e Norwich School of Art and Design. Primeira exposição individual em 2001: Prémio de Pintura João Barata 2001, Galeria Barata, Lisboa, seguida de outras exposições individuais e coletivas entre as quais se destaca *De la expresión al contenido*, IVAM (Institut Valencià d'Art Modern) em Valência, Espanha.

É representada pela Galeria São Mamede.

Prémios 2005 - 1º Prémio, Prémio Artur Bual, III Feira de Arte Contemporânea do Estoril; Menção Honrosa, Prémio Fundação Marquês de Pombal; 2004 – Menção Honrosa, VIII Edição Prémio D. Fernando II, Câmara Municipal de Sintra; 2003 – Menção Honrosa, Prémio Fundação Marquês de Pombal; Menção Honrosa, XVI Salão de Primavera, Galeria de Arte do Casino Estoril; 2002 – Menção Honrosa, XV Salão de Primavera, Galeria de Arte do Casino Estoril; 2000 – 1º Prémio, Prémio de Pintura João Barata 2000.

Exposições Individuais

2016 - Paisagem sem povoamento, Galeria São Mamede, Porto.

2016 - Paisagem sem povoamento, Galeria São Mamede, Lisboa.

2015 - Efémero Retorno, Galeria Vale do Lobo, Galeria São Mamede, Algarve.

2012 - So(bre) Papel /On(ly) Paper, Galeria São Mamede, Lisboa.

2010 - Sobre Papel, SOPRO Projeto de Arte Contemporânea, Lisboa.

2009 - De la expresión al contenido, IVAM (Institut Valencià d'Art Modern) .

2009 - Territórios de Transição #08, Espaço(s) Reflectido(s), com curadoria de Luís Serpa, Centro Cultural de Cascais.

2008 - A Sombra do Espelho, Galeria Ratton, Lisboa.

Exposições Coletivas

2014 - Identidad Femenina en la colección del IVAM itinerância: Memorial de América Latina de São Paulo, Brasil, 23 de Fevereiro a 27 de Março de 2011, Museu de Arte Contemporânea Dragão do Mar, Brasil, 23 de Junho a 14 de Agosto de 2011, Museo Nacional de Artes Visuales de Montevideo, Uruguai, 16 de Julho a 30 de Setembro de 2012, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires, 18 de Outubro a 9 de Dezembro de 2012, Centro Cultural Parque de España, Rosario, Argentina, 13 de Dezembro de 2012 a 24 de Fevereiro de 2013, IVAM (Institut Valencià d'Art Modern), 14 de Maio a 1 de Setembro de 2013.

2011 - Artistas Solidários com Alzheimer Portugal, Centro Cultural de Cascais.

2010 - IVAM Donaciones, IVAM (Institut Valencià d'Art Modern).

2009 - À Crise, Coletiva de Desenho, SOPRO Projeto de Arte Contemporânea, Lisboa.

2008 - Superfícies de Contacto, com curadoria de Luísa Soares de Oliveira, Paços da Cultura, Centro de Arte de S. João da Madeira.

Arte Pública: Homenagem, 2017, Parque Palmela, Cascais; Paradigma, 2010, Posto de Abastecimento de Monte Redondo A17 (Repsol).

Coleções Públicas e Privadas: Col. CINVEST, Direct Selling Bruxelas, Col. Fundação Cidade de Lisboa, Col. Faculdade de Direito Universidade de Lisboa, Col. Fundação D. Luís I, Col. IVAM, Col. SOTA Arte, Col. The Oitavos Hotel.

ANA SÉRIO

PAISAGEM SEM POVOAMENTO #3

23 JUN
26 AGO 2018

Fotografias

Ana Sérgio

Texto

Lúisa Soares de Oliveira

Apoio à divulgação

Galeria São Mamede

www.saomamede.com

Produção

Paços - Galeria Municipal de Torres Vedras

Edição

Câmara Municipal de Torres Vedras

Impressão

Grafivedras - Artes Gráficas, Lda.

Tiragem

300

Papel

miolo - couché mate 170gr

capa - couché mate 250gr



PAÇOS - GALERIA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS

Praça do Município, 2560-289 Torres Vedras

2ª a Sáb. | 09h30 às 19h00

Dom. | 10h00 às 13h00 e 14h00 às 18h00

Telf. | 261 334 040 | galeria@cm-tvedras.pt

 /galeriatvedras